

**DIÁLOGOS ENTRE OS ESTUDOS DO COTIDIANO E A CULTURA VISUAL NA
FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS**

Juzelia de Moraes Silveira (PMF e CC)

RESUMO

Este artigo constitui-se a partir de experiências vividas como docente no curso de Pedagogia a Distância - CEAD/UDESC, refletindo sobre a importância do ensino da arte na formação de futuros pedagogos. As reflexões têm como pontos centrais a atenção ao cotidiano como espaço de desenvolvimento de aprendizagens, bem como a importância da educação do olhar neste processo. Para tanto, construo esta escrita de modo dialogal com aportes e referências teóricas ligadas ao campo da Cultura Visual (HERNANDEZ, 2007, DIAS, 2011) e dos Estudos do Cotidiano (ALVES, 1998; VICTÓRIO FILHO, 2005; PAIS, 2003), no intuito de pensar acerca de como o ensino da arte pode ajudar a tecer um olhar mais atento e sensível aos saberes que são desenvolvidos nas ações cotidianas que compõem os espaços educativos, contribuindo para a formação destes profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino da Arte; Docência; Estudos do Cotidiano; Cultura Visual.

ABSTRACT

This article constitutes from experiences as a teacher in the Distance Pedagogy course- CEAD / UDESC, reflecting on the importance of art education in the formation of future pedagogues. The reflections have as central points attention to daily life as learning development space as well as the importance of the sensitive eye education in this process. To do so, I construct this writing in a dialogical way with contributions and theoretical references related to the field of Visual Culture (HERNANDEZ, 2007, DIAS, 2011) and the Everyday Life Studies (ALVES, 1998; VICTÓRIO FILHO, 2005; PAIS, 2003), in order to think about how the teaching of art can help to form a closer and sensitive look at the knowledges that are developed in the daily actions that compose the educational spaces, contributing to the sensitive formation of these professionals.

Keywords: Art Teaching; Teaching; Everyday Life Studies; Visual Culture.

Sobre meu local de fala e sobre minha experiência como professora formadora de pedagogos

No ano de 2016 fui aprovada em um processo seletivo na Universidade do Estado de Santa Catarina para ministrar a disciplina de Conteúdos e Metodologias do Ensino de Arte. Em meu primeiro semestre como professora, iniciei ministrando a disciplina de Conteúdos e Metodologias do Ensino de Arte II, trabalhando com alunos de 5ª fase. Ou seja, iniciei um trabalho que contava com os pré-requisitos de conhecimentos já desenvolvidos na disciplina de Ensino de Arte I. Os principais objetivos da disciplina giravam em torno da identificação e abordagem dos conteúdos concernentes ao ensino da arte, bem

como uma perspectiva das possibilidades metodológicas no ensino de arte, com ênfase na Abordagem Triangular. É importante mencionar que o desenvolvimento do conteúdo dava-se de acordo com o proposto pelo Caderno Pedagógico que era utilizado como principal material de estudo para a disciplina.

Por se tratar de um curso a distância, boa parte do diálogo com os alunos se dá via fórum de discussão e desenvolve-se sobretudo a partir de atividades avaliativas. Neste sentido, parte da informalidade dos diálogos que fazem parte dos processos de ensino/aprendizagem acaba ficando apartada da relação professor/aluno. Ao passo que estes diálogos ficam limitados mais ao desenvolvimento pontual de conteúdos, parte das conexões com o espaço cotidiano parece por vezes distanciada.

Por certo que a educação a distância propõe uma nova (já nem tão nova) perspectiva para o ensino e sobretudo um maior acesso a ele, uma vez que um dos maiores entraves em relação à realização de uma graduação se caracteriza pela impossibilidade de um horário de aula que não seja conflituoso com horários de trabalho e ainda pela incapacidade de acesso aos centros educativos. Entretanto, minha formação acadêmica não contemplou aspectos caracterizadores da educação a distância, de maneira que sinto falta dos "corredores", dos espaços onde a educação acontece como uma extensão informal da sala de aula, do local em que as ressonâncias daquilo que foi conversado em aula são apresentadas de modo mais solto, livre e amarrados com frequência à experiências mais particulares.

Assim, a atuação como professora em um curso de educação a distância ainda me desafia com frequência à busca pela criação de algo que dê conta destes espaços/momentos "extra sala de aula" que compreendo como tão ricos nos processos de ensino/aprendizagem. Acompanhando isto, também é uma constante a busca por possibilidades de conectar aquilo que é aprendido,

em termos de conteúdo, com as realidades cotidianas com as quais as alunas se deparam ou irão se deparar.

A crença que construí acerca da importância destes espaços/momentos deve-se sobremaneira à observação acerca do potencial educativo contido nos espaços cotidianos, um dos eixos de minha pesquisa doutoral. De mesmo modo, devo isto à docência em arte e à imersão no campo da cultura visual, os quais me permitiram a sensibilidade do olhar sobre os espaços que habitamos e sobre como os habitamos.

Deste modo, minhas primeiras ações enquanto docente no referido curso procuraram trazer para dentro das propostas lançadas a atenção aos espaços cotidianos e às visualidades que os compõem, bem como uma discussão acerca da importância da sensibilidade do olhar para a aprendizagem dos alunos. Entretanto, percebi desde cedo que a compreensão inicial que as acadêmicas possuíam acerca do ensino de arte e de seus propósitos ainda estava muito (ou somente) centrada em uma perspectiva de arte como livre expressão, priorizando o fazer e voltada à questão estética, o que comumente se traduz como produção de algo bonito. É provável que boa parte desta concepção tenha origem na forma como aprenderam sobre o universo da arte e que ainda tenha sido reforçada pelos discursos que circulam em seus contextos de vida.

Na formação que trilhei como professora de arte e afetada ainda pelas descobertas e encantos do campo da cultura visual, percebi ao longo dos anos as contribuições deste ensino não apenas no que diz respeito ao desenvolvimento do senso estético e à possibilidade de expressão artística, como nos propõem os documentos oficiais construídos como base para o ensino de arte no Brasil. Compreendi a importância do ensino de arte para uma educação do olhar em uma sociedade cada vez mais marcada pela proliferação de imagens. Percebi a possibilidade de uma ampliação de discussões sobre como estas imagens (não apenas artísticas) dialogam conosco, nos afetam,

nos constituem. Como enfatiza Dias (2011), a cultura visual desloca sua atenção das Belas Artes para a observação do cotidiano e para as experiências diárias do visual.

Neste sentido, o cotidiano surge como um elemento central desta perspectiva, uma vez que este é o espaço de circulação destas imagens que compõem nossos dias. Esse cotidiano aparentemente passivo, insignificante e repetitivo. Este cotidiano que ao ser colocado em foco de análise, faz emergir uma série de questões minimamente inquietantes, mas que comumente passam despercebida aos olhos ligeiros dos passantes no cenário cotidiano.

Como mencionado anteriormente, este foi um dos interesses centrais de minha pesquisa doutoral, no qual desenvolvi desde um recorte trazido por uma atividade comum na vida diária das pessoas, a saber, as práticas de cozinha, um estudo sobre como estas pessoas se constituem a partir de suas práticas cotidianas. Neste estudo uma das questões principais deu-se em torno do interesse sobre como desenvolvemos aprendizagens significativas em nossas vidas cotidianas, que se entrelaçam com os saberes tidos como relevantes, científicos, mas que são oriundos de conhecimentos que vamos tecendo ao longo dos dias, nas vivências mais comuns e em partilha com aqueles que fazem parte de nossas vidas.

Nas aprendizagens desenvolvidas no dia a dia, assumimos papel não apenas de educadores, mas também de aprendizes a partir do contato com o outro (ALVES, 1998). Aprendemos a partir das relações, contatos e afetos que vamos desenvolvendo com aqueles que estão a nossa volta e nisto, a questão do olhar e da construção deste se faz ainda mais importante nos processos de aprendizagem e na ampliação destes processos.

Tais questões parecem-me de extrema relevância para comporem as discussões dentro dos centros de formação de professores, porém, urgentes de uma abordagem efetiva que os contemple. Assim, percebi inclusive em minha experiência com

os acadêmicos do curso de pedagogia. Entretanto também percebi algo que ao longo de minha pesquisa doutoral evidenciou-se com frequência: o descaso e preconceito em torno dos saberes oriundos do cotidiano, sobretudo diante da perspectiva e/ou diálogo com os saberes científicos. E isto, foi reforçado de modo contundente a partir dos diálogos criados com os referidos alunos.

Desenvolvo a parte seguinte desta escrita dedicando-me a relatar e discutir como o cotidiano e a atenção à educação do olhar por vezes são relegadas a um lugar inferior nos âmbitos de formação de professores. Na sequência, discuto potencialidades de abordagem destes dois importantes temas para a promoção de uma educação mais dialógica com a realidade dos âmbitos escolares e mais significativa na vida dos alunos.

Dos conflitos entre os saberes científicos e os saberes cotidianos

Ao passo que fui desenvolvendo minha pesquisa doutoral solicitando de meus colaboradores o relato de suas experiências cotidianas, comumente era alertada antes do princípio de uma experiência a ser narrada com a frase "creio que não seja nada tão importante o que vou te dizer". E ainda que eu estivesse frente a estes colaboradores propondo e solicitando justamente estas histórias de suas vidas cotidianas, esta frase com frequência aparecia quase como um pedido de desculpas sobre a insignificância daquela contribuição que estava sendo ofertada a mim.

Por muitos anos observei situação parecida em relação àquilo que era concernente às aulas de arte. Nos anos de atuação como professora de arte em escolas, foi clara a desatenção e descrédito que se dá a esta área educativa. E ainda que por vezes ouvisse falas que tentavam demonstrar respeito pela disciplina, estas comumente ressaltavam a

importância das aulas centrada no desenvolvimento de habilidades técnicas e, sobretudo, estéticas.

O ensino de arte conseguiu a duras penas tornar-se componente curricular obrigatório somente no ano de 1996, sob a nova Lei de Diretrizes e Bases 9394/96. Perceptivelmente e tristemente um reconhecimento muito recente da arte como área de conhecimento, com saberes específicos, com relevância efetiva no processo educativo dos alunos.

Ao longo destes anos vem se empreendendo a construção de um forte discurso que defenda o ensino de arte como meio para o desenvolvimento de importantes aprendizagens na vida das pessoas, sobretudo por vivermos em um mundo cada vez mais condicionado pelos discursos comandados pelas políticas do ver. Neste sentido, o ensino de arte ganha corpo ao ampliar suas perspectivas de estudo no diálogo com a cultura visual, pois ao convidar consumidores de imagens cotidianas a tornarem-se ativos diante destas, conscientes daquilo que estão consumindo e dos discursos que as permeiam, a educação da cultura visual promove uma resistência em relação ao fortalecimento das "estruturas hegemônicas dos regimes discursivos da visualidade" (DIAS, 2011, p.62).

Para tanto, os professores possuem papel fundamental nesta empreitada, como mediadores no processo de reflexão sobre como as imagens dialogam conosco e afetam aquilo que somos. Todavia, em viés contrário a isto, estas discussões ainda aparecem de maneira muito rasa nas escolas. De mesmo modo, ainda constituem muito sutilmente os cursos de formação de pedagogos e, neste sentido, é importante pensar que os primeiros contatos que um estudante tem com as questões concernentes à área de arte se dá por meio das primeiras ações pedagógicas nas quais são envolvidos na educação infantil. Ou seja, o primeiro contato com o âmbito da arte e com o universo das imagens é realizado, formalmente, por pedagogos.

Com isso fica perceptível o quanto a atuação deste profissional, no que diz respeito ao desenvolvimento das concepções sobre o ensino de arte, é determinante no futuro processo de recepção/interação dos alunos com o professor específico da área de arte. Seguindo esta mesma linha de raciocínio, também é o pedagogo que desenvolverá (ou não) as primeiras provocações e abordagens acerca dos distintos modos de ver e da importância deste ato na construção do sujeito.

Porém, para que o professor pedagogo possa desenvolver tais questões em sua prática docente, por certo, primeiramente é necessário conhecer e compreender os principais preceitos do ensino de arte e aqui vemos o árduo trabalho que se inicia: dissolver as concepções que foram construídas e fortalecidas ao longo dos anos sobre os propósitos da arte e preparar estes profissionais para desenvolver uma prática docente que realmente seja coerente com estes propósitos.

Se trata então de, em alguns poucos meses, destruir uma imagem sobre uma área e reconstruí-la com uma roupagem totalmente distinta. Se trata da tentativa de desestruturar certezas acerca da exaltação da habilidade técnica e da capacidade de produção de elementos decorativos.

Foi diante de tal situação que me vi neste primeiro semestre de atuação como formadora de pedagogos. Não se tratava de uma resistência sem precedentes em relação àquilo que eu estava propondo para ser ensinado a partir da perspectiva do ensino de arte. Se tratava de entrar em confronto com anos de desenvolvimento e solidificação de uma ideia de ensino de arte traduzida como livre-expressão e exploração de manualidades. Para piorar a situação, possivelmente uma ideia reforçada pelas próprias professoras de arte, que diante de uma formação ainda escolanovista ou tecnicista, imprimiram em sua prática pedagógica os princípios educativos destes períodos.

Neste mesmo viés de preconceitos e conjecturas equivocadas caminha a desatenção à potência das aprendizagens contidas no cotidiano. O cotidiano, frequentemente tratado como rotina, caracterizado comumente pelo estigma da repetitividade e monotonia, pouco é percebido como reduto de criação. Porém, a partir das discussões realizadas pelos Estudos do Cotidiano, é possível ter uma outra perspectiva acerca de suas potencialidades. Para Victório Filho (2005, p.58)

Essa reinvenção da percepção do mundo permite, por meio de sua estética própria, saber que as banalidades que constituem a vida quase imperceptível e tangível do dia-a-dia são também micropotências que consubstanciam os grandes acontecimentos.

É importante ressaltar aqui que, não foi apenas por minha aproximação com os Estudos do Cotidiano que percebi o quanto uma abordagem sobre estes se fazia importante e urgente nos cursos de formação em Pedagogia. Ao observar, desde o princípio, a atenção dada a rotina na educação infantil e aos espaços de aprendizagem informal nos anos iniciais, ficou clara a necessidade de se tecer um olhar diferenciado acerca do cotidiano. Para tanto, parecia necessário desestabilizar um pouco a formalidade acadêmica, que por vezes engessa o olhar acerca do que pode ser instituído como saber relevante e dar destaque às sutis aprendizagens que se desdobram nos cotidianos, tecer um olhar sensível acerca do que nos rodeia e de como com isto interagimos.

Nos meses que se seguiram desde estas primeiras constatações que realizei, procurei investir em diálogos com os alunos que potencializassem a tessitura de diálogos entre o ensino de arte e os cotidianos como espaços de aprendizagem. Todavia, esta investida mostrou-se mais profícua a partir de uma proposta de seminário interdisciplinar, no qual a indissociabilidade entre o ato de cuidar e educar foi foco e,

mais ainda, acompanhado por uma proposta sobre como transformar a rotina em vida cotidiana.

Relato a seguir como se deu este seminário, bem como as ressonâncias oriundas desta proposição.

Dos problemas que percebi, das possibilidades que se apresentam

Como proposta prevista no programa do curso de Pedagogia do Centro de Educação a Distância da Udesc, em cada fase componente da estrutura curricular é abordado um tema que norteia todas as atividades realizadas em cada disciplina, visando estabelecer uma interdisciplinaridade entre estas áreas de conhecimento trabalhadas em cada etapa do curso. A partir destes projetos interdisciplinares são realizados os Encontros Interdisciplinares, de modo presencial e em cada um dos polos componentes das cidades de abrangência do curso de Pedagogia a Distância-UDESC.

Na oitava fase do curso, no primeiro semestre do ano de 2017 a temática proposta para este projeto interdisciplinar chamou-se "Interações e brincadeiras como foco da docência na educação infantil" e, entre as diversas questões tratadas a partir desta temática, foi trabalhado em um dos módulos a indissociabilidade entre o cuidar e o educar na educação infantil e as possibilidades de transformação da rotina em vida cotidiana, como mencionado anteriormente.

Uma vez que se tratava de promover discussões acerca de temas bastante caros a mim - educação do olhar e cotidianos - construí uma proposta de atividade desde provocações que me pareciam bastante comuns, mas que diante daquilo que já havia constatado pelo contato com os alunos, já imaginava que seriam potentes para as discussões e reflexões. É importante aqui ressaltar que, ao longo destes anos de docência percebo o quanto às vezes deixamos de desenvolver algumas ações pedagógicas por acreditarmos que já estão "desgastadas".

Entretanto, parece-me muito importante pensarmos que as áreas se utilizam de estratégias metodológicas e didáticas distintas, desenvolvem questões diferentes. Assim, tenho percebido que muitos diálogos não são travados por acreditarmos em uma obviedade que na realidade é falaciosa. E neste caso, em que o interesse maior se constituía justamente em provocar discussões sobre o comum a provocação a partir da simples evocação do olhar sobre o corriqueiro que nos rodeia, parecia o melhor caminho para iniciar a caminhada.

Concentrei-me então em promover outras formas de interagir com o espaço, de observar e pensá-lo de modo distinto. Como uma das propostas para o Encontro Interdisciplinar consistia em discutir uma educação do olhar e a importância desta para a formação das futuras professoras, sobretudo no que diz respeito à atenção aos cotidianos como espaço de aprendizagem, boa parte das discussões deu-se em torno das "pequenezas" que constituem estes espaços.

Todavia, para que se pudesse buscar a construção de um olhar atento aos cotidianos como espaços frutíferos para a construção de saberes, primeiramente seria necessário desestabilizar certezas sobre o que realmente configura-se como aprendizagem e conhecimento. E neste sentido, ficou claro desde o princípio do diálogo o quanto a noção acerca destes dois termos estava fortemente pautada por uma perspectiva formal institucional. Ou seja, havia uma grande dificuldade em perceber como aprendemos e nos desenvolvermos nos mais comuns processos de interação social, bem como a partir de nossas ações mais simples e corriqueiras.

Para Pais (2003, p.28) o cotidiano é frequentemente compreendido como "o que no dia a dia se passa quando nada se parece passar". Ou seja, este espaço é comumente caracterizado pela repetitividade, pela insignificância de acontecimentos. Entretanto o autor afirma que é justamente nos aspectos banais

que constituem o cotidiano que podem ser construídos movimentos que provoquem a sua ruptura.

A proposta para o Encontro Interdisciplinar pretendia justamente isto: sensibilizar o olhar para capturar as potencialidades de aprendizagem da vida cotidiana. Para tanto, seria necessário repensar as rotinas da Educação Infantil, pensando formas de torna-la mais potente para a aprendizagem.

Neste processo também se mostrava importante provocar o desenvolvimento de um olhar sensível aos elementos que compõem cada contexto: sujeitos, espaços, movimentos, formas de agir e interagir. Ou seja, promover um olhar mais curioso e menos naturalizado acerca do que habita os cotidianos.

Das maiores preocupações da cultura visual, vemos a discussão sobre a desnaturalização do olhar sobre aquilo que nos cerca, entretanto, esta discussão não se encerra na argumentação sobre as imagens estáticas que compõem nossos contextos de vida, mas abarca as formas de ver e se relacionar com todo tipo de artefato cultural que está a nossa volta.

Estes modos de olhar são tecidos ao longo da vida e construídos por meio das diferentes maneiras com que fomos estimulados a ver e a pensar acerca daquilo que víamos. Em outras palavras, a perspectiva com que vemos o mundo não surge de naturalmente, mas origina da forma com que fomos educados a olhar. Se trata de um sentido que foi educado e mediado por múltiplos meios, entre eles, a escola.

Pensando nisto, rememoro uma indagação de Fernando Hernández (2007, p.24) sobre a importância de se promover uma "alfabetização visual".

Vivemos em trabalhamos em um mundo visualmente complexo, portanto, devemos ser complexos na hora de utilizar todas as formas de comunicação, não apenas a palavra escrita. Se não se ensina aos estudantes a linguagem do som e das imagens, não deveriam ser eles considerados analfabetos da mesma maneira como se saíssem da universidade sem saber ler ou escrever?

Hernández advoga sobre a construção de uma educação do olhar acerca das imagens que constituem nosso mundo, e a esta reflexão acrescento a crença de que este processo se dá inicialmente a partir das primeiras proposições de percepção visual de nossos espaços. Pensando então a atuação das professoras pedagogas, esta provocação do olhar nos primeiros processos educativos parece fundamental para desenvolver um olhar que no futuro estará preparado para dialogar e se comunicar com o universo visual.

Retomando então a discussão sobre a indissociabilidade entre o cuidar e educar, um dos focos da educação infantil, podemos entender que ao se promover os primeiros olhares sobre o corpo, sobre o contato com o outro, sobre as diferentes formas de perceber os espaços, estas educadoras têm em suas mãos também o poder/compromisso de iniciar esta construção do olhar. Um olhar questionador, curioso, atento. Entretanto, para que isto seja possível, há anteriormente um importante trabalho a ser realizado na formação destas professoras, justamente abordando a pertinência do desenvolvimento das distintas formas de ver como parte fundamental de uma educação que se propõe integral e conectada com a vida.

No referido Encontro Interdisciplinar, busquei exatamente suscitar a reflexão e diálogo sobre como nos distintos momentos que compõem as rotinas da educação infantil as crianças eram estimuladas ou não a construir este olhar curioso. Para tanto, evidenciei a necessidade de romper com esta monotonia característica da rotina, procurando pensar nas possibilidades de transformação desta em vida cotidiana, como previsto na proposta do encontro. Isto implicou no exercício de lançar outra visão sobre os pequenos movimentos que são realizados diariamente nos espaços escolares: como os alunos podem desenvolver conhecimentos brincando? E nisto, que artefatos culturais estão presentes neste ato? O que os alunos podem aprender ao reunirem-se para comer? E, diante destas

indagações, como tornar mais potentes estes momentos para o desenvolvimento destas crianças?

É importante ressaltar que o objetivo deste trabalho não propunha uma ação docente que “pedagogizasse” todas as atividades realizadas pelas crianças, mas sim, que compreendesse que os processos de aprendizagem não se constroem somente nos momentos formais de uma aula. Não se tratava de propor que a partir de cada um destes momentos da rotina fosse realizada uma atividade pedagógica, mas de buscar ampliar formas de conhecer e explorar o mundo pelas vivências cotidianas.

Nilda Alves alerta-nos que

Buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano comum, exige que estejamos dispostos a ver além daquilo que os outros já viram e muito mais: que sejamos capazes de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capazes de engolir sentindo variedades de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e se deixando tocar por elas, cheirando os cheiros que a realidade vai colocando a cada ponto do caminho diário. (ALVES, 1998, p.2)

Sendo assim, para que consigamos perceber as riquezas contidas no cotidiano, inicialmente precisaremos criar uma postura de envolvimento com este, de entrega às descobertas daquilo que por vezes não fomos convidados a notar.

Tornou-se claro nos diálogos tecidos durante o encontro que os pequenos dispositivos que estavam sendo lançados ali com o intuito de provocar estranhamentos para reflexão, de fato estavam significativamente inaugurando uma observação distinta sobre os espaços e modos de aprendizagem. Todavia a dificuldade em romper com a dicotomia entre saberes científicos e os saberes cotidianos se fazia constante ao longo das discussões e isto entrelaçava-se significativamente com a forte noção de que a educação do olhar no âmbito escolar está necessariamente vinculada àquela enrijecida ideia sobre os propósitos do ensino de arte. Mais centrada em afirmações e

descrições sobre o que deve ser visto, do que em um convite a tecer relações entre as formas de ver e os contextos em que estas se desenvolvem.

Entretanto, para que se possa efetivamente construir uma educação que prepare a pessoas para a vida, como comumente enfatizam os discursos da área da educação, precisamos urgentemente perceber que o que é ensinado precisa munir-se daquilo que ocorre nas realidades concretas dos quais fazem parte nossos alunos. E estas realidades constituem-se não somente de saberes institucionalizados, mas fortemente daquilo que é desenvolvido no cotidiano. Para tanto, defendo também a importância do desenvolvimento de um olhar reflexivo sobre o que ocorre nestes espaços e isto implica em pensar também sobre como nos construímos como sujeitos a partir de nossas formas de ver, pois "É o mundo das imagens, que expressa e define nossa forma de viver, que vai bem além das categorias da história da arte tradicional e que já não pode ser estudado com os mesmos conceitos que antes eram utilizados". (DIAS, 2011, p. 50)

Parece-me urgente a abordagem destas questões a partir dos primeiros anos de vida, buscando assim desenvolver desde cedo este olhar que observa o mundo de modo mais abrangente. Para tanto é importante que nós, educadores, busquemos promover uma educação que nutra-se daquilo que os cotidianos nos oferecem, reinterpretando-os como locais onde, ao contrário do que comumente supõe-se, tudo acontece.

Alguns compromissos a seguir, algumas crenças a reafirmar

Pretendi com esta escrita provocar algumas reflexões iniciais sobre a importância de se promover uma atenção aos cotidianos como ricos espaços de desenvolvimento de aprendizagens. De mesmo modo busquei aqui articular esta proposição com as contribuições do ensino de arte nesta empreitada. Para tanto, salientei como se faz urgente uma

compreensão acerca das mudanças dos paradigmas do ensino de arte nas últimas décadas, sobretudo a partir dos aportes dos Estudos da Cultura Visual.

Mais do que sugerir abordagens pedagógicas a partir do diálogo entre os Estudos do Cotidiano e a Cultura Visual, pretendi ressaltar a dificuldade e urgência de se tratar os assuntos concernentes a estes dois campos de estudo nas formações de futuros pedagogos. Observei em meu contato com os acadêmicos o quanto estas discussões ainda são muito distantes das questões trabalhadas em suas formações e, a meu ver, isto prejudica de maneira expressiva o desenvolvimento das tão almejadas práticas pedagógicas que promovam uma educação para a vida.

Observei ainda, como o descaso em relação à educação do olhar e o preconceito em torno dos saberes cotidianos se mostra presente no âmbito acadêmico e como a formalidade acadêmica por vezes nos faz perder sinais de potências de aprendizagem que circulam pela vida cotidiana. Acredito que o ensino da arte e a cultura visual, aliados aos estudos do cotidiano, vem a contribuir com a formação dos futuros pedagogos de modo mais significativo, ampliando os horizontes da prática educativa.

Entretanto, é importante lembrar que estes futuros professores neste momento também se encontram na condição de aprendizes. Deste modo, o que pretendi com esta escrita foi muito mais evidenciar que para que estas questões adentrem os espaços escolares, primeiramente elas devem fazer parte efetiva dos programas de formação de professores. E, neste caminho há de se confrontar os saberes institucionalizados, com aqueles que são oriundos das aprendizagens cotidianas. Parece-me, então, um compromisso promover discussões acerca destes estudos que ainda fortemente transitam pelas margens dos discursos educativos, ou que, por outro lado, são tratados

como se fizessem parte de uma obviedade que dispensa abordagem.

REFERÊNCIAS

ALVES, N.; OLIVEIRA, I.B. *Pesquisar o cotidiano na lógica das redes cotidianas*. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 21., 1998, Caxambú. Anais. Caxambú, 1998. (minicurso).

_____. *Trajetórias e redes na formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

DIAS, Belidson. *O I/Mundo da Educação em Cultura Visual*.

Brasília: [Fundação Universidade De Brasília](#), 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores de Cultura Visual - Proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

VICTÓRIO FILHO, Aldo. *A arte na/da educação: a invenção cotidiana da escola*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

JUZELIA DE MORAES SILVEIRA

<http://lattes.cnpq.br/1137642028366104>

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual - FAV/UFG. Bolsista REUNI - CAPES (2011-2015). Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria/RS. Possui Graduação em Desenho e Plástica - Artes Visuais - Bacharelado (2004) e Graduação em Artes Visuais - Licenciatura Plena (2006), ambas pela Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista PDSE - CAPES (Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduiche no Exterior), com estágio no programa de Doctorado en Artes y Educación, da Universidad de Barcelona (2013-2014). Foi professora Colaboradora da Universidade do Estado Santa Catarina/SC. Atua como professora da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Integrante do GEPAEC - Grupo de Estudos e Pesquisa em Arte, Educação e Cultura, da UFSM.